

OS CUSTOS NO SERVIÇO DE TRANSPORTE RODOVIÁRIO DE CARGAS

OLIVEIRA, Jonas¹; TRETER, Jaciara.²

Palavras-Chave: Custos, transportes, logística, metodologia.

Introdução

O Brasil, além de ser um país com dimensões continentais, se apresenta no cenário internacional como uma das maiores economias em termos de Produto Interno Bruto do mundo.

Quando se fala do crescimento econômico brasileiro um fator imprescindível a ser considerado é grande área ocupada por seu território. Se por um lado isto propicia espaço maior para o desenvolvimento das culturas agrícolas, sendo favorável ao agronegócio, por outro impõe um desafio estratégico quanto à logística de transporte de cargas.

Para possibilitar tal crescimento e superar a dificuldade logística imposta pela vasta área territorial nacional, o transporte rodoviário se apresenta como o método mais utilizado para o escoamento da produção. Estão em atividade no país mais de 350.000 caminhoneiros autônomos e 11.000 a 15.000 empresas que utilizam caminhões, sendo responsáveis por movimentações que vão desde encomendas destinadas a pessoas jurídicas, até grandiosas safras de grãos (Banco Mundial, 1998).

Compreender e controlar os custos envolvidos no processo de transporte pode ser um elemento chave no sucesso de uma empresa, ou mesmo de um mercado inteiro. Isto se justifica pois tal custo é um dos principais agregadores de valor ao preço final dos produtos, absorvendo até dois terços dos custos logísticos totais (Ballou, 1995). Tornar este serviço cada vez mais eficaz e barato significa aumentar competitividade de organizações e produtos além de dinamizar as transações comerciais do mercado.

Segundo a CNT (2013, p. 33) “O valor médio pago pelos fretes rodoviários é muito baixo em comparação com os custos incorridos. Este frete artificialmente baixo é um problema porque compromete a saúde do setor, impede o crescimento de outros Modais e gera externalidades negativas para a sociedade”.

¹ Graduando em Ciências Contábeis na Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.

² Professora do Curso de Ciências Contábeis na Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.

Motivado pela escassa gama de publicações e bibliografias na área, o presente trabalho busca compreender a formulação e a composição dos custos nos transporte rodoviário de cargas.

Metodologia

O presente resumo expandido é baseado em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

Para Gil (1996) a pesquisa bibliográfica se desenvolve através dos materiais já publicados, que constitui na grande maioria das vezes de livros e artigos científicos. Já a pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (FONSECA, 2002).

Discussões e resultados

Partindo de uma observação de mercado, é notável o grande número de empresas que prestam serviço de transporte de cargas rodoviárias. Um dos principais motivos para isto, é a facilidade de se entrar neste mercado (bastando apenas possuir o veículo apropriado e a carteira de habilitação para o mesmo). Com grande número de ofertantes este mercado apresenta tendência à concorrência perfeita, exigindo capacidade de competição, e empurrando os preços para baixo (CNT; COPPEAD, 2013).

Para facilitar a eficiência no controle dos custos internos das transportadoras, a Associação Nacional de Transporte de Cargas desenvolveu o Manual De Cálculo de Custos e Formação de Preços do Transporte Rodoviário de Cargas. Segundo o manual, neste ramo os custos são dados pelo somatório de Frete-Peso, Frete-Valor, GRIS, Impostos, taxas e Pedágios.

O elemento Frete-Peso é a parcela do custo que se dá pelo peso da carga e pela transferência entre os pontos de origem e de destino. Inclui custos de carregamento, descarregamento e deslocamento da carga (fixos e variáveis), custo do tempo parado de carga e descarga do veículo, despesas indiretas (administração e operação de terminais), lucro operacional

No Frete-Valor são integrados os Custos referentes à retenção ou transferências de perdas incorridas no transporte da mercadoria que é obtido através de um percentual aplicado sobre o valor da tonelada da mercadoria transportada. Segundo a Associação Nacional de Transporte de Cargas (2001, p. 8) “Proporcional ao valor da mercadoria transportada, tem como finalidade resguardar o transportador dos riscos de acidentes e avarias envolvidos em sua atividade. Tais



riscos são proporcionais ao tempo que o bem fica em poder da empresa durante a operação de transporte.“

Parecido ao Frete-Valor, o GRIS integra os valores referentes ao gerenciamento de risco. Nele se somam Seguros facultativos de desvios de cargas (RCF-DC), Salários de Monitores de equipamentos de rastreamento e segurança, Horas extras Obrigações sociais, Investimentos em sistema de rastreamento e monitoramento, Taxas de habilitação dos equipamentos, Retorno do investimento, Reposição do equipamentos, Custos operacionais de gerenciamento de riscos

Por fim, no último elemento, são adicionados o percentual referente ao PIS e ao Cofins aplicado sobre o custo peso, além das taxas dos pedágios dos trechos pelos quais a carga vai passar.

Embora exista esta metodologia de cálculo, observou-se através da pesquisa de campo, e entrevistas com transportadores autônomos a utilização de modos empíricos de cálculos, que se assemelham ao custeio por absorção. Neles o valor do frete é calculado considerando-se os gastos com combustível e manutenção, acrescentando um valor adicional para estradas em más condições e para taxas que possam vir a ser cobradas no trajeto da viagem como de balsa ou pedágios.

Segundo Lopes de Sá (1990, p.109) o custeio por absorção é a “expressão utilizada para designar o processo de apuração de custos que se baseia em dividir ou ratear todos os elementos do custo, de modo que, cada centro ou núcleo absorva ou receba aquilo que lhe cabe por cálculo ou atribuição”.

Tal método é aceito pela legislação, atende aos princípios contábeis e é de fácil implementação, pois basta conhecer os custos para fazer com que os produtos ou serviços os absorvam. No entanto não é o mais eficiente para subsidiar a tomada de decisões, pois utiliza de formas de rateio de custos arbitrárias e demonstra com muitas incertezas a verdadeira TAXA de lucro da atividade.

Conclusão

A metodologia de cálculo bem formulada e precisão na mensuração são características imprescindíveis no que tange ao cálculo do custo de organizações que atuam em mercados competitivos, inclusive nos transportes rodoviários de carga.

Para tanto é preciso difundir esta metodologia de cálculo para que as transportadoras e até transportadores individuais possam ter um controle efetivo de seus custos e consequentemente de sua lucratividade. Sem isto se pode ter a falsa ideia de estar trabalhando em uma atividade altamente lucrativa e acabar por não considerar adequadamente os riscos a que estão submetidos nos trajetos percorridos.

Porém para a fórmula de cálculo sugerida pela Associação Nacional de Transporte de Cargas ganhar aceitabilidade precisa ser adaptada às realidades das empresas de pequeno porte e também dos transportadores autônomos, visto a dificuldade destes na coleta sistemática e minuciosa de dados necessários ao cálculo e até mesmo na resolução das suas operações matemáticas, uma vez que nem sempre possuem de sistemas informatizados para realiza-las de modo preciso e ágil.

Referências:

BALLOU, R.H, **Logística Empresarial**. São Paulo: Atlas, 1995.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRANSPORTES DE CARGA. **Manual de Cálculo de Custos e Formação de Preço de Venda do Transporte Rodoviário de Carga**. Disponível em: <<http://www.guiadotrc.com.br/pdf/FILES/MANUAL.pdf>> acesso em 17 de outubro de 2013.

BANCO MUNDIAL (1997), **Brasil, Transporte Multimodal de Carga: Questões regulatórias**, Nº 16361 – BR.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO TRANSPORTE; CENTRO DE ESTUDOS EM LOGÍSTICA. **Transporte de cargas no Brasil - ameaças e oportunidades para o desenvolvimento do país**. Disponível em: <http://www.cnt.org.br/Imagens%20CNT/PDFs%20CNT/Pesquisa%20CNT%20Coppead/coppead_cargas.pdf>. Acesso em 01 out 2013.

LOPES DE SÁ, A. **Dicionário de Contabilidade**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.